

A receptividade e a difusão do pensamento de John Dewey no Brasil entre 1930 e 1960¹

The receptiveness and the diffusion of John Dewey's thought in Brazil between 1930 and 1960

La receptividad y la difusión del pensamiento de John Dewey en Brasil entre 1930 y 1960

Samuel Mendonça*

José Aguiar Nobre**

Resumo

Ao comemorar, em 2019, 160 anos de nascimento do filósofo John Dewey, há interesse em saber como a sua filosofia tem sido explorada nas reflexões escolares no Brasil. Frente a isso, indaga-se: qual a receptividade do pensamento de John Dewey no Brasil e a difusão atual de suas ideias? A tarefa é árdua, no entanto, necessária, dadas as leituras e interpretações feitas no Brasil por meio do pensamento de John Dewey. O objetivo central do ensaio consiste em entender como e em que medida houve difusão do pensamento filosófico de John Dewey no Brasil bem como os desafios atuais para que a difusão de suas ideias continue. Não se ousa esquadrihar todos os escritos sobre Dewey no Brasil, pois isso resultaria em uma tarefa impraticável. A metodologia está circunscrita a uma pesquisa bibliográfica que busca evidenciar a receptividade do pensamento de Dewey e atual difusão de suas ideias no período de 1930 a 1960. A hipótese é de que, considerando a grande contribuição da filosofia deweyana na educação brasileira, ainda há muito o que ser explorado e pesquisado, não obstante a caudalosa literatura já produzida sobre ele no Brasil. Isso é apontado com um desafio para a formação humana integral e crítica. Os resultados demonstram que a democracia e a liberdade de expressão, fundamentadas na filosofia revolucionária de John Dewey, ganham peso ao permitirem um maior desenvolvimento dos indivíduos. Argumenta-se que, no Brasil, quanto mais a sua filosofia estiver presente nas atividades escolares, mais fornecerá instrumentos para a manutenção emocional e intelectual dos educandos e, conseqüentemente, para um maior aporte à educação no país.

Palavras-chave: John Dewey. Difusão. Educação. Receptividade. Brasil.

Recebido em 09/05/2019 – Aprovado em 22/09/2019

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v27i1.10584>

* Pós-doutorado pelo Departamento de Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP, Brasil). Bolsista Produtividade em pesquisa do CNPq. Professor Titular vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, na Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas, Brasil). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2918-0952>. E-mail: samuelms@gmail.com

** Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ Brasil). Docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP Brasil). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6624-7888>. E-mail: nobre.jose@gmail.com

Abstract

By celebrating in 2019, 160 years of the birth of the philosopher John Dewey, there is an interest in knowing how his philosophy is being explored in school reflections. However, one asks: what is the receptivity of John Dewey's thinking in Brazil? The proposal is arduous, however, necessary, given the readings and interpretations made in Brazil through the thought of John Dewey. The central objective of the essay is to understand how and to what extent John Dewey's philosophical thinking has spread in Brazil as well as the current challenges for the spread of his ideas to continue. One does not dare to scan every writing about Dewey in Brazil, as this would result in an impractical task. The methodology is limited to a bibliographical research that seeks to highlight the receptivity of Dewey's thought and the current diffusion of his ideas from 1930 to 1960. The hypothesis is that, in view of the great contribution of Dewey's philosophy in Brazilian education, there is still much to be explored and researched, despite the abundant literature already produced on it in Brazil. The results express that democracy and freedom of expression, grounded in the John Dewey's revolutionary philosophy, gain weight by allowing greater development of individuals. In Brazil, the more its philosophy is present in school activities, the more it will provide instruments for the maintenance of emotional and intellectual development of children and, consequently, for a greater contribution to education in the country.

Keywords: John Dewey. Diffusion. Education. Receptivity. Brazil.

Resumen

Al conmemorar en 2019, los 160 años de nacimiento del filósofo John Dewey, se tiene interés en saber cómo se explora su filosofía en las reflexiones escolares en Brasil. Ante a esto se pregunta: ¿cuál es la receptividad del pensamiento de John Dewey en Brasil y la difusión actual de sus ideas? Del mismo modo, se considera conscientemente el inmenso desafío de encontrar una respuesta mínimamente satisfactoria. El objetivo principal de este artículo es comprender cómo y en qué medida el pensamiento filosófico de John Dewey se ha asimilado en Brasil, así como los desafíos actuales para continuar la difusión de sus ideas. No se espera como logro, examinar cada escrito sobre Dewey en Brasil, ya que esto resultaría en una tarea poco práctica. La metodología está limitada a una investigación bibliográfica que busca evidenciar la receptividad del pensamiento de Dewey y la difusión actual de sus ideas en el período de 1930 a 1960. La hipótesis es que, considerando la gran contribución de la filosofía de Dewey en la educación brasileña, todavía hay mucho por explorar e investigar, apesar de la literatura caudal ya producida al respecto en Brasil. Esto se señala como un desafío para la formación humana, integral y crítica. Los resultados muestran que la democracia y la libertad de expresión, basadas en la filosofía revolucionaria de John Dewey, crecieron al permitieron mayor desarrollo de las personas. Se argumenta que, en Brasil, cuanto más esté presente su filosofía en las actividades escolares, más va a proporcionar instrumentos para el mantenimiento emocional e intelectual de los estudiantes y, como consecuencia, una gran contribución a la educación del país.

Palabras claves: John Dewey. Difusión. Educación. Receptividad. Brasil.

Introdução

Em 20 de outubro de 1859, na cidade de Burlington, Vermont, EUA, nasce John Dewey, que se tornou um dos maiores pedagogos e filósofos norte-americanos. Após uma belíssima e vasta trajetória acadêmica e intelectual, veio a falecer no dia 1º de junho de 1952, em Nova Iorque, EUA. No meio educacional, é inegável a sua ousadia na defesa de valores democráticos, demonstrando que a sua preocupação

se volta para a formação do indivíduo na sociedade. Por isso, entende-se que a sua filosofia da educação diz respeito à área de apropriação de um pensamento tão complexo, atual e relevante para a formação humana.

A pesquisa tem como problema a seguinte pergunta: qual a receptividade do pensamento de John Dewey no Brasil e a difusão atual de suas ideias? A tarefa é árdua, no entanto, necessária, dadas as leituras e interpretações feitas no Brasil por meio do pensamento de John Dewey. O objetivo central do ensaio consiste em entender como e em que medida houve assimilação do pensamento filosófico de John Dewey no Brasil bem como os desafios atuais para que a difusão de suas ideias tenha continuidade. Não se ousa esquadriñar todos os escritos sobre Dewey no Brasil, pois isso resultaria em uma tarefa impossível. A metodologia está circunscrita a uma pesquisa bibliográfica que busca evidenciar a receptividade do pensamento de Dewey e atual difusão de suas ideias no período de 1930 a 1960. A hipótese é de que, tendo em vista a grande contribuição da filosofia deweyana na educação brasileira, ainda há muito o que ser explorado e pesquisado, não obstante a caudalosa literatura já produzida sobre ele no Brasil. Isso é apontado como um desafio para a formação humana, *leitmotiv* de pesquisas sobre o campo da filosofia da educação no Brasil, sejam as desenvolvidas pelo GT Filosofia da Educação da Anped, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2019) ou mesmo da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (2019).

A originalidade deste artigo remete à consideração de que em revisão de literatura feita nas bases SciELO e *Scopus*, por meio do Portal de Periódicos da Capes, em janeiro de 2019, utilizando-se dos descritores receptividade e John Dewey, refinando para a área de educação e da formação humana, não se encontrou estudos que tivessem feito este balanço de como a obra de John Dewey chegou no Brasil. Que houve a influência de Anísio Teixeira, é preciso reconhecer, no entanto, buscar conhecer como se deu a receptividade de sua filosofia no Brasil e mesmo avaliar a sua difusão nos dias de hoje é novidade. A relevância do estudo se justifica, em primeiro lugar, pela expressividade do autor, um teórico da educação renomado em países do hemisfério norte. Um elemento a mais diz respeito a estudos que têm sido feitos no Brasil sobre Dewey, como é o caso do dossiê sobre os 100 anos do livro *Democracy and Education*, publicado pela Revista Espaço Pedagógico, da Universidade Passo Fundo (2019). Então, este estudo poderá auxiliar a outros pesquisadores, de níveis distintos, da graduação ao doutorado, com pesquisas sobre democracia ou mesmo sobre aspectos que tratam do ambiente escolar e da formação humana em geral.

John Dewey levou o mundo para dentro da escola e das ciências com o espírito inerente ao dinamismo da vida. Vale destacar que em todos os tempos e lugares se faz necessário entender que “[...] a ciência é procura, não é conquista do imutável. [...] os grandes inovadores, na órbita das ciências, ‘são os primeiros que temem e duvidam de suas descobertas’” (DEWEY, 1959, p. 26, grifo do autor). É nesse sentido de conhecimento da riqueza da sua filosofia que, no caso específico deste texto, os autores preocupam-se em entender como e em que medida houve difusão do pensamento filosófico de John Dewey no Brasil. Desse modo, ao se debruçar sobre o alcance da teoria de Dewey aplicada no Brasil, quiçá poder-se-ia ter uma nova visibilidade e inserção da caudalosa literatura de tão eminente figura da educação nos currículos escolares. E, por certo, a democracia e a liberdade de expressão poderão continuar a ter vida nas terras tupiniquins, em épocas que reivindicam resistências e maleabilidade, conceitos protagonizadas pela filosofia pragmatista, que prioriza o diálogo e o combate a quaisquer tipos de censuras e retrocessos.

Não obstante todo o volume de textos que já existe sobre John Dewey no Brasil, ressalta-se que ainda se faz necessário avançar na reflexão e análise da filosofia de John Dewey no campo escolar brasileiro. Lins (2015), Mendonça e Gotierra (2019) argumentam, por exemplo, que Dewey sempre aparece em currículos de cursos de Pedagogia, seja porque há referência ao Movimento dos Pioneiros da Educação, seja em disciplinas como História da Educação ou mesmo de Filosofia da Educação, no entanto, estudos mais sistemáticos que focalizem a sala de aula ou mesmo a administração da educação em cursos de Pedagogia precisam ser estimulados. Dewey se faz presente em discussões em torno de política educacional e mesmo de avaliação, mas, é preciso estimular o seu estudo em curso da área de Educação, bem como naquelas em que a interdisciplinaridade para a concretização da formação humana se fizer necessário. Nos Estados Unidos da América, muitos estudos têm sido feitos utilizando-se de John Dewey, sejam por meio da John Dewey Society (JDS, 2019) ou mesmo da Philosophy of Education Society (PES, 2019).

Em um contexto tão exigente em escala global como o atual, marcado de forma contundente por tamanha crise humanitária, que atinge vários níveis – moral, político, religioso, econômico e ambiental –, entende-se que se faz necessário revisitar constantemente literaturas como a de John Dewey. No caso específico do Brasil, que atravessa um momento de crise na política, com supressão de recursos para as universidades, segue urgente e redobrado esse intuito em forma de resistência como, por exemplo, a dos defensores da falaciosa Escola sem Partido, cuja confusão e clima de medo comprometem a qualidade da aprendizagem².

Corroborando a argumentação de Lins (2015), a mudança de foco na Pedagogia que passa a valorizar a ação do estudante, mantendo a figura do professor como autoridade se deve à compreensão do pensamento de Dewey, que criticou a chamada escola tradicional na defesa do que chamou de escola progressista. A discussão mais detalhada desta defesa e crítica pode ser encontrada em seu livro *Experience and Education* (1997).

A escola, na filosofia de John Dewey, é compreendida como instrumento de transformação. Com o tripé experiência, investigação e descoberta, a filosofia de John Dewey possibilita aos atores do processo educacional perceberem que, para essa escola, as ideias só têm importância quando servem de instrumento para a resolução de problemas reais. Passamos a tratar da linha do tempo a partir da seguinte indagação: como a filosofia de John Dewey veio para o Brasil?

Como a filosofia de John Dewey veio para o Brasil?

Para situar na história a chegada da filosofia de John Dewey no Brasil, é preciso balizar esse acontecimento na iniciativa do educador baiano, Anísio Teixeira, ao visitar os Estados Unidos depois de exercer, de 1924 a 1928, o cargo de Diretor da Instrução Pública da Bahia. Anísio Teixeira, ao se deparar com a dureza da vida pública constituída de excesso de burocracias e oposições intransigentes, ao mesmo tempo visualizava a crueza da realidade educacional do sertão baiano. Frente a isso, Anísio fazia o jogo político, estabelecendo uma proximidade profunda³ com a crua realidade de precariedade da escola pública de então. A partir daí “[...] ia travando contato com o ensino público que não conhecia, um ensino muito diferente dos colégios jesuítas nos quais estudara” (NUNES, 2000, p. 90). Anísio tomou conhecimento dos problemas da educação brasileira, que, ao passar por reformas em vários estados do Brasil e no Distrito Federal, proporcionou ao educador baiano – enquanto ocupava o alto cargo no estado da Bahia - a responsabilidade de fomentar a reforma no seu estado. Ele acabou por promover inovações que o projetaram nacionalmente, como se pode perceber:

Seu interesse pela educação o levou aos Estados Unidos da América, onde conheceu a vida social e as instituições educacionais americanas, obteve o título de Master of Arts no Teachers College da Columbia University e conheceu as ideias de John Dewey e William H. Kilpatrick (BORTOLOTTI; CUNHA, 2010, p. 2).

Foi então que, ao tomar contato com a gama de desafios circunscritos à educação pública brasileira, e “[...] preocupado em melhorar sempre mais sua visão sobre

educação, afastou-se da Direção Geral da Instrução Pública da Bahia para visitar algumas escolas dos Estados Unidos” (NOBRE; MENDONÇA, 2016, p. 55). Até esse momento da sua vida, Anísio Teixeira conhecia apenas os ditames de um conservadorismo europeu aprendido nos colégios jesuítas e era com atitudes drásticas que tratava os problemas encontrados. Porém, esse seu jeito mudou ao ver a realidade da educação norte-americana. O resultado de sua passagem pelos Estados Unidos é assim registrado: “[...] se alguma lição tem a América a dar ao mundo, se algum grande ideal sustenta a sua civilização e dá vigor e sentido à sua obra – essa lição e esse ideal se consubstanciam em democracia” (TEIXEIRA, 2006, p. 49). Ao aproximar-se do pragmatismo deweyano, Anísio Teixeira adota uma postura absolutamente nova no Brasil, quando retorna em 1931.

Foi nesse contexto que Anísio Teixeira, já como discípulo de John Dewey, assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública no Distrito Federal, promovendo nova reforma no ensino público e criando uma universidade na capital federal, a Universidade de Brasília, UnB. Vale registrar que é exatamente nesse período que a filosofia de John Dewey vem para o Brasil. Por ser um participante ativo da Associação Brasileira de Educação, juntamente com um grupo denominado de “educadores liberais”, ele integra e articula o famoso Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁴, datado de 1932.

A partir de tal iniciativa, ele e outros tantos intelectuais sofreram fortes pressões políticas contrárias às suas atuações, que buscavam uma educação de qualidade e acessível a todos. Sobre Anísio Teixeira, enfatiza-se que:

[...] todas as suas atuações como educador e como administrador público na área da educação foram inspiradas no pragmatismo Deweyano. (...). Teixeira ocupava um alto cargo administrativo na área educacional e sofria constantes ataques de intelectuais de linha política conservadora, especialmente vinculados à Igreja Católica, e por esse motivo foi afastado de suas funções públicas (BORTOLOTTI; CUNHA, 2010, p. 1).

Em seu livro *Educação Progressiva*, publicado em 1933 e reeditado, respectivamente, em 1934 e em 1938, esses ataques se intensificaram tanto que ele se demitiu do cargo no Distrito Federal em 1935. A esse respeito, escreve Nunes (2000, p. 477): “[...] já em seu livro *Educação Progressiva* (1933), acompanhado de Dewey, Anísio defendia a reconstrução material, social e moral da escola e da civilização na formação de consciências independentes e responsáveis” (NUNES, 2000, p. 477).

Vale à pena refinar a atenção a fim de que se tenha uma ideia do forte impacto positivo da receptividade do educador norte americano no Brasil e das reações de

suas ideias, a partir da força de influência e da perspicácia da sua filosofia pragmatista. Ela se difundiu no Brasil, mediante às ações administrativas e escritos de Anísio Teixeira. Corrobora tal fato, observando na citação a seguir, sobre a produção da Escola de Belas Artes instaurada na universidade que criara. A Universidade do Distrito Federal (UDF) produziu, na Escola de Belas Artes, sob orientação de Portinari, quadros que retratavam as imagens do Rio de Janeiro e as suas classes mais empobrecidas, como se pode notar:

Do pincel redondo até a bucha e pano e do dedo até a escova de dente, a imaginação dos estudantes, viajando na forma e na cor, produzia imagens da cidade e de suas classes mais pobres: gente carregando água na cabeça, operário arrebatando calçamentos, operários comendo marmitta, mendigos da rua (NUNES, 1992, p. 169).

Ao observarmos o texto supracitado, entende-se porque os protagonistas da Revolução de Trinta se viam constrangidos ao se depararem com a força do expressionismo que intimidava as elites para quem eles governavam. Indubitavelmente, tudo isso era visto como uma afronta, pois a vida das ruas passava a penetrar a escola e a saltar de lá para as telas de obras de arte que iam parar nos lugares frequentados pela elite, atrelada ao poder dominante de então. A esse respeito é possível entender com maior detalhe no trecho a seguir:

Esses quadros foram parar no Palace Hotel. [...] agora, os problemas sociais saltavam das telas. Numa época (...) em que se procurava esconder toda a miséria brasileira, Portinari a fazia enfurnar-se nas suas obras e nos trabalhos dos alunos. Justamente aquelas imagens “desagradáveis” e “chocantes” da vida brasileira. Por ocasião do fechamento da UDF, os quadros produzidos pelos alunos, e aí localizados, foram apreendidos. Afinal, por que esses quadros eram tão temidos? (NUNES, 2000, p. 318).

Observando o trecho acima, é possível entender que a acolhida do pensamento filosófico de John Dewey no Brasil teve um forte impacto positivo e grande influência na formação crítica dos cidadãos a ponto de gerar ações reacionárias como apreensão e temor das obras que retrataram a crua realidade de desigualdades. Essa dupla recepção se manifestava por um lado, na busca por um processo de construção democrática do país e, por outro lado, na tentativa de frear o movimento democrático, a fim de preservar a vida aburguesada que já estava arraigada nas classes dominantes. A acolhida se deve, portanto, ao empenho de Anísio Teixeira e dos seus pares signatários do Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, em difundir as ideias de Dewey para que a sociedade democrática pudesse começar a criar corpo na dura e desigual realidade brasileira. A esse respeito é possível observar que:

Houve uma época no Brasil na qual a discussão e a reflexão sobre Educação tinham como um dos eixos de sustentação as ideias de John Dewey. Decorrente deste entusiasmo, observa-se que a filosofia da experiência, proposta por este filósofo como a filosofia da educação, era atentamente estudada. Por meio de pesquisas, pretendia-se que os princípios expostos e defendidos pelo filósofo norte-americano acontecessem na prática das escolas de educação básica. Havia uma sede de conhecimento sobre estas ideias e por isso não se podia pensar em Educação sem que se recorresse a este nome e às suas inovações, críticas e tentativas de modificação da escola tendo em vista uma melhor qualidade da formação dos alunos. Como se sabe, isto aconteceu no Brasil devido à difusão desta teoria feita por Anísio Teixeira, que tendo sido discípulo de John Dewey trouxe para nosso meio educacional esta filosofia da educação revolucionária (LINS, 2015, p. 23).

Por meio desses fragmentos, é possível notar a riqueza e a força do pensamento do filósofo estadunidense em terras brasileiras. A acolhida da filosofia pragmatista de John Dewey na realidade escolar do Brasil, ao aglutinar teoria e prática, possibilitou, por exemplo, aos alunos de pinturas a se destacarem como críticos do duro realismo brasileiro, maculado de contrastes sociais e de injustiças, como é possível observar:

Os alunos de pintura, ao frequentarem seus cursos específicos e outros que fugiam à sua especificidade, estavam, de fato, se armando de uma cultura erudita e histórica que passava a impregnar suas obras, tornando-as não apenas uma imagem da realidade, mas uma crítica a essa mesma realidade. [...] A presença de professores estrangeiros em vários (cursos) estimulou [...] os brasileiros a serem brasileiros e a criarem com base em temáticas nossas. Tudo isso acontecia numa época conturbada, convulsionada pelas passeatas e pelas múltiplas manifestações constantes até 1937. Associar tais manifestações às atividades intelectuais promovidas pela UDF não foi tarefa difícil (NUNES, 2000, p. 319).

Argumenta-se assim, que com um jeito prático e incisivo, Anísio Teixeira realmente se esmerava para fazer com que a filosofia pragmatista de John Dewey pudesse ser acolhida e assimilada a fim de enfrentar as dificuldades sociais de então. Observa-se que a interlocução entre teoria e prática, própria da filosofia de John Dewey, ganha corpo no ensino protagonizado e conduzido pelo seu discípulo, Anísio Teixeira, em terras brasileiras. Nesse sentido, entende-se que: “O liberalismo deweyano forneceu-lhe um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, além de abrir a possibilidade de operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no país” (NUNES, 2009, p. 5).

Mesmo considerando que o contexto de John Dewey se diferencia do atual e ainda, evitando o anacronismo, é possível argumentar que problemas sociais daquele tempo permanecem no Brasil. As constantes críticas do governo federal em 2019 em relação ao fenômeno do comunismo, inexistente no Brasil, já estavam presentes no tempo de Teixeira:

A vida das ruas passava a penetrar nas escolas de muitas formas e a provocar acusações caluniosas dos católicos que apontavam Anísio Teixeira e seus colaboradores como comunistas e que viam até nas instalações sanitárias comuns às crianças de ambos os sexos, dentro dos novos prédios escolares primários, a corporificação do “comunismo ateu”, em seu afã de dissolver a família e perverter moralmente as crianças. A força dessa vida que se estendia além dos muros escolares acabou abalando, inclusive, a produção acadêmica da recém inaugurada Universidade do Distrito Federal (NUNES, 1992, p. 169).

Pelo que se percebe no fragmento citado, ele corrobora a relevância da presente reflexão ao evidenciar a atualidade da obra de Dewey que Anísio se fundamentou para continuação do avanço democrático no Brasil. A crítica que necessita ser feita neste trecho aponta que a expressão “acusações caluniosas dos católicos”, no fragmento acima, deveria ser escrita “acusações caluniosas de alguns católicos de vertente conservadora”, dado que certamente nem todos os católicos consideravam Anísio Teixeira comunista.

As consequências da ação de Anísio Teixeira ao trazer para os currículos escolares o pensamento revolucionário de John Dewey lhe renderam um tempo de ausência da vida pública: “[...] entre os anos de 1937 e 1945, período em que vigorou no Brasil uma ditadura, Teixeira permaneceu afastado da vida pública, dedicando-se à tradução de livros e a atividades comerciais em seu estado natal” (NUNES, 2000, *passim*). Isso, hoje, pode ser visto como uma consequência do dinamismo histórico que lhe possibilitou uma dedicação à reflexão e aos trabalhos de tradução, permitindo posteriormente, fomentar uma inflexão para novas atividades dedicadas à educação e à formação humana em geral.

Depois desse período, já na década de 1950, com a comemoração do primeiro centenário de John Dewey, como discípulo por excelência do filósofo estadunidense em terras brasileiras, ele retoma os trabalhos de difusão da filosofia de Dewey no Brasil como é possível observar:

Anísio Teixeira, o discípulo brasileiro de John Dewey, a quem se deve a difusão da sua obra e de sua filosofia no Brasil, foi convidado pela Columbia University em carta publicada pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1959) para fazer parte do comitê internacional para o planejamento das comemorações desta importante data (LINS, 2015, p. 21).

Nessa ocasião importante, Anísio Teixeira retoma a sua oportunidade de re-inserir, na reflexão brasileira, o processo de acolhida e difusão do pensamento de John Dewey. Para tanto, Teixeira encomendou uma análise sobre a filosofia do pensador homenageado – trabalho que foi feito pelo filósofo brasileiro Newton Supcira, da Universidade de Recife. É assim que o impulso dado pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 revive na década de 1950 – mesmo que com

outro cenário – mas mediante um novo manifesto, o Mais Uma Vez Convocados, datado de 1959.

Vale lembrar ainda que o artigo de Newton Sucupira, que só foi publicado em 1960, bem como os escritos de Paulo Freire, possibilitaram uma nova visualização desse processo de acolhida e difusão do pensamento de John Dewey no Brasil. É possível observar isso, por exemplo, na dedicação de várias pessoas em traduzir para o nosso idioma a obra do filósofo norte-americano, como é o caso de: Antônio Pinto de Carvalho, que traduziu *Reconstrução em Filosofia* (1959); Haydée Camargo Campos, que traduziu *Como Pensamos* (1979); Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, que traduziram *Democracia e Educação* (1979); e Anísio Teixeira, que também traduziu *Vida e educação* (1959) e *Liberalismo, Liberdade e Cultura* (1970). Recordam-se ainda outras traduções, como: *Experiência e Natureza; Lógica – a teoria da investigação; A arte como experiência*, por Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. *Vida e educação*, por Anísio Teixeira e *Teoria da Vida Moral*, por Leonidas Contijo de Carvalho. Quer dizer, tais traduções constituem um sinal de grande acolhida do pensamento do autor norte-americano, consolidando a força da filosofia de John Dewey no pensamento brasileiro. Essas traduções, inevitavelmente, ganharam espaço nos currículos escolares. Percebe-se como urgente e necessário retomar esses textos em grupos de estudos da atualidade a fim de que a nova geração possa dar continuidade ao processo de refinamento do texto de Dewey e, nessa direção, fortalecimento de parâmetros da organização escolar, da mesma forma que da sociedade.

Como o pensamento de John Dewey ganhou espaço no meio escolar brasileiro?

Na procura por uma resposta a esta questão, vale um aceno ao texto encomendado por Anísio Teixeira ao professor da Universidade de Recife, Newton Sucupira, por ocasião do centenário de John Dewey. Nele, além de redação clara e contundente, é passível observar que o seu próprio ato de pesquisar, escrever e refletir em formato de conferência já corrobora uma maneira de acolhida e difusão da filosofia de John Dewey no espaço escolar brasileiro. Entende-se que a teoria educacional de John Dewey circula no país não somente mediante o escrito e a conferência de Newton Sucupira, mas também por meio de suas aulas e de suas tertúlias no ambiente escolar e social. Seu texto enfatiza a importância e o alcance do pensamento de John Dewey nos Estados Unidos bem como em outros países, dentre eles o Brasil. O autor evidencia, igualmente, tanto a atualidade da filosofia de John Dewey

quanto as críticas endereçadas a ela, como é o caso da crítica de Bertrand Russell, que o acusa de filósofo do poder. Acerca disso ele escreveu que:

É um expressivo testemunho da vitalidade e importância do pensamento de John Dewey que, ao comemorarmos o centenário de seu nascimento, o grande filósofo americano se imponha diante de nós, não apenas como uma figura consagrada na história do pensamento humano, mas como um pensador atual e atuante de nosso tempo, signo de contradição entre os espíritos e sua doutrina, ponto crucial de apaixonadas controvérsias. E porque o impacto revolucionário de suas ideias filosóficas, pedagógicas e sociais sobre sua época não amorteceu ainda, falta-nos precisamente esta distância no tempo, que é a condição necessária para emitirmos um julgamento sereno e equilibrado sobre a significação e alcance de uma obra verdadeiramente excepcional como a sua. Por isso mesmo, Dewey continua a ser ainda uma grande figura controvertida de nossos dias, suscitando os juízos mais contraditórios. Assim, enquanto discípulos e admiradores entusiastas o elevam ao mesmo nível de Platão e Aristóteles, um filósofo da responsabilidade intelectual de Bertrand Russell caracterizava sombriamente seu pensamento como uma filosofia do poder, um exemplo a mais daquela embriaguez destrutiva que invadiu a filosofia com Fichte e constitui o grande perigo de nosso tempo (SUCUPIRA, 1960, p. 78).

No que diz respeito à atualidade, à difusão e ao alcance da produção filosófica de Dewey, o texto de Sucupira inaugura uma nova época para os anos seguintes ao primeiro centenário do filósofo. O autor assevera que o empenho de toda a obra do filósofo norte-americano se articula sistematicamente e de forma visível em um intuitivo e consciente processo que busca sanar os problemas concretos da existência humana. Sucupira ressalta que, por meio da fecundidade e contribuição da filosofia deweyana, é possível amenizar ao menos parte desses problemas. De acordo com ele, ao passo que a filosofia de John Dewey se debruça sobre a formação humana, é mister entender que ela é “[...] ao mesmo tempo uma teoria geral da educação. Mas como elaborar uma teoria da formação humana sem uma filosofia do homem e como este pode ser pensado sem ao mesmo tempo pensar-se sua inserção no universo?” (SUCUPIRA, 1960, p. 81).

Sobre a empreitada em analisar a difusão do pensamento filosófico de John Dewey, ele se dedica com grande motivação; contudo, assim se expressa:

Mas a obra de Dewey se apresenta tão vasta e multiforme, se alonga e ramifica numa tal quantidade de escritos, e constitui um marco tão importante na história do pensamento moderno que não nos é possível, nos limites de uma conferência, avaliar devidamente todo seu alcance e significação e nem mesmo traçar uma síntese de seu pensamento que o abrangesse em toda a sua complexidade (SUCUPIRA, 1960, p. 79).

Esse sentimento de impotência, ao se dedicar à obra de John Dewey, por certo atinge todo pesquisador que se dedica a quaisquer aspectos circunscritos ao pensamento deweyano. Paradoxalmente, o pensamento filosófico do autor em questão

é tão intuitivo e motivador que desperta, ao mesmo tempo, grande interesse no pesquisador ao deparar-se com a riqueza e a profundidade dos seus escritos. A sua teoria parece transformar as dificuldades em forças. “Sem dúvida, não deixa de ser verdade que as dificuldades que os homens experimentam são as forças que os induzem a planejar quadros de mais sorridente situação; mas convenhamos que tal quadro é de tal maneira delineado que pode tornar-se instrumento de ação” (DEWEY, 1959, p. 127). Certamente, esse vigor emitido da obra de Dewey, em muitos momentos, contribuiu para educadores brasileiros continuarem avançando em meio aos desafios – e isso não será diferente no presente.

Diante de tamanhos desafios inerentes às condições educacionais do país, argumenta-se que ao revisitar à obra de John Dewey, certamente lançará luzes a fim de que os educadores possam continuar tendo ânimo e motivação para a criatividade, bem como para que possam marcar resistências em vista de transformações sociais positivas na direção de uma formação humana integral. Argumenta-se, pois, que o filósofo brasileiro Newton Sucupira, ao refletir no Brasil sobre a filosofia de John Dewey, seguindo o exemplo do próprio autor pesquisado, ao mesmo tempo faz com que, no decurso de suas aulas e pesquisas, insiram-se no processo de acolhida e difusão do pensamento de Dewey no Brasil, em prol de uma formação humana. Desse modo, assevera-se que as antropologias se tornam o núcleo de todo filosofar:

E na verdade a preocupação constante e única do filosofar de Dewey é o problema antropológico. Mas como para ele a filosofia era na realidade uma *quest for wisdom*, um instrumento de crítica e um método de vida, e não um saber puramente especulativo, uma filosofia do homem não poderia deixar de ser ao mesmo tempo uma teoria da formação humana, ou seja, uma filosofia da educação. Se o pensamento é um instrumento de ação, e a filosofia a forma por excelência do pensamento crítico, pensar o homem implica ao mesmo tempo pensar a sua formação, desde que o homem é um ser que se autoconstitui (SUCUPIRA, 1960, p. 81).

A possibilidade de construção de um arrazoado dessa natureza no espaço educativo brasileiro, como é possível ver no fragmento anterior, evidencia, a partir da leitura da obra de John Dewey, a sua contribuição no processo de construção de um indivíduo crítico e inserido ativamente nos problemas sociais que protagonizam a defesa da vida plena para todos. As consequências inerentes a este processo são a educação para a coletividade.

A partir do alcance e da atuação de Anísio Teixeira no meio educativo, inevitavelmente, ao solicitar outros colegas para disseminar o pensamento do filósofo John Dewey nos currículos escolares, ele possibilita que as ideias e teorias do pensador norte-americano se fizessem presentes em terras tupiniquins. Mediante a

inflexão ativa de Anísio Teixeira, a acolhida do pensamento de John Dewey emite o seu reflexo na reconstrução da sociedade brasileira. Essa ganha um alcance sem precedentes de transformações que causam abalos nas estruturas até então cristalizadas em prol de benefícios destinados exclusivamente a uma classe privilegiada. Acerca disso, é possível entender que:

A maior diferença de Anísio para seus antecessores é que, efetivamente, ele criou uma rede municipal da escola primária à Universidade e fez dela, junto com seus colaboradores, um poderoso campo cultural que interferiu sobre a vida urbana e, ao mesmo tempo, produziu conhecimento sobre ela. Dessa forma, ele ampliou o seu olhar sobre a cidade e precisou suas formas de intervenção, atingindo em cheio códigos culturais inscritos nas relações pessoais e estremecendo representações cristalizadas da realidade (NUNES, 2009, p. 6).

Vale destacar, contudo, que há críticas fortes ao processo de recepção da pedagogia de John Dewey no Brasil, protagonizadas especialmente por Jorge Nagle, a partir do seu livro *Educação e Sociedade na Primeira República* (1974). Na mesma linha de pensamento estão os textos do professor Dermeval Saviani (1980, 1981, 1981a, 1982, 1982a). Acerca do pensamento de John Dewey, tais pensadores já escreveram que o movimento escolanovista implantado no Brasil tem uma perspectiva tecnicista que favorece ou legitima uma visão elitista da educação, acusando a Escola Nova como um movimento caracterizado de “otimismo pedagógico”. Tais críticos entendem que o campo educacional fica fixado como um meio reduzido ao tecnicismo e apenas favorável à classe dominante. Sobre isso, pode-se ver que “[...] a tese da tecnificação é reposta e endossada por Dermeval Saviani que defende que a Escola Nova serviu como mecanismo de recomposição da hegemonia da classe dominante” (MURARO, 2015, p. 207). A crítica circunscreve-se ao pensamento equívoco de que a Escola Nova apenas aprimorou a qualidade de ensino destinado às elites, forçando, dessa maneira, a baixa qualidade do ensino destinado às camadas populares. Acerca disso, há uma fala de Nunes (2009), uma estudiosa devidamente autorizada no assunto, como se pode ver:

Ao repor a tese da tecnificação educacional à luz das reflexões de Gramsci e Zanotti, Saviani constrói uma visão específica da burguesia, a de que ela usou a pedagogia da essência para emancipar-se enquanto classe e a substituiu pela pedagogia da existência ao pretender manter-se no poder (NUNES, 2009, nota n. 13, p. 180).

Vale destacar que a crítica de Saviani (1980, 1981, 1981a, 1982, 1982a), ao apontar que a visão de escola renovada carece de critérios éticos, estéticos e políticos, revela ainda que o autor parece não ter compreendido o texto de Dewey.⁵ Igualmente, ele parece não ter compreendido também o pensamento de Anísio Teixeira,

que se esmerou em fazer com que o pensamento de John Dewey fosse acolhido no Brasil, a fim de que o processo de democratização pudesse dar o seu passo inicial. Isso é, que se pudesse ser ofertado um ensino de qualidade indistintamente a todos os brasileiros a fim de que, mediante a máquina democrática que é a escola, o indivíduo se tornasse cada vez mais agente sócio transformador e capaz de fomentar a vida democrática no sentido genuíno do termo. Acerca da crítica de Saviani, escreve Muraro (2012, p. 208):

Saviani entende que Dewey vê a educação como processo ligado à vida fazendo-se necessário os conhecimentos científicos da vida orgânica e social para a intervenção pedagógica. Anísio Teixeira se apropriou desse olhar pragmatista e progressista de Dewey para investir na ideia da reconstrução individual para a reconstrução social no âmbito nacional pela educação pública, tendo como meta a sociedade democrática. A recepção do pragmatismo de Dewey no pensamento educacional brasileiro, através de A. Teixeira, subsidia o movimento de renovação educacional, de forma tecnicista, funcionalista e pragmatista, sob a influência do conhecimento científico, excluindo os critérios éticos, estéticos e políticos.

Entende-se que, em pleno uso da razão e em face da descentralização procura por acesso democrático à educação, não é possível, vislumbrar a atuação de Anísio Teixeira em prol de uma educação de qualidade no Brasil como desprovida de critérios éticos, estéticos e políticos. Destaque merece ser dado ao alcance da Pedagogia de Paulo Freire, discípulo de Anísio Teixeira. Em face disso, só para oferecer apenas um destaque, vale considerar Paulo Freire como um marco importante no processo de disseminação de um conhecimento que tem a práxis como um fundamento imprescindível, para dar continuidade ao estudo do processo de receptividade do pensamento de John Dewey no Brasil. Faz-se necessário, agora, analisar o estado atual dessa recepção e disseminação.

Qual o estado recente de continuidade dessa receptividade?

É importante destacar e reconhecer que, como uma baliza no pensamento pedagógico brasileiro, a teoria de John Dewey foi bastante utilizada pelo educador Paulo Freire, a fim de dar continuidade no processo de efetivação da vida democrática brasileira. A acolhida da obra deweyana por parte de Paulo Freire se deu a partir do momento em que se tornou um leitor de Anísio Teixeira. Sendo assim, ele abraçou de vez os ideais pragmatistas por ele trazido. Acerca da filosofia de John Dewey e sua acolhida por Paulo Freire, já foi ponderado que:

Para Dewey, a democracia como “forma de vida” depende de dois critérios: a existência de interesses comuns compartilhados entre os componentes do grupo social e a interação e reciprocidade cooperativa entre as diferentes formas de associação. O ideal democrático de vida se sustenta no processo de pensar reflexivo sobre os problemas comuns da comunidade e na liberdade de comunicação. A democracia se constitui numa escolha moral, a única digna para o ser humano. Para Freire esta pauta da democracia proposta por Dewey, precisa ser encarnada e construída historicamente na sociedade brasileira ainda inexperiente da vida democrática. Na visão de Freire a educação tem um papel limitado, mas de significativa importância na construção da democracia (MURARO, 2012, p. 205).

Entende-se que os avanços alcançados no processo democrático brasileiro se devem, em parte, à acolhida de uma educação progressista. Essa anela por uma educação democrática, isto é, que possa ser genuinamente dialógica, questionadora e transformadora da realidade política e histórico-social. Entende-se que a pedagogia freireana, que circunscreve um processo de conscientização das classes oprimidas em vista de sua contínua libertação, deve-se, em grande parte, a uma acolhida dos conceitos fundamentados no pensamento de John Dewey. Isto não significa afirmar que Paulo Freire seja um seguidor de todas as ideias de John Dewey, dadas outras influências recebidas e outros caminhos seguidos. Mesmo assim, a educação popular protagonizada por Paulo Freire possibilitou um avanço na libertação dos empobrecidos pela exploração econômica e política no País. Na contemporaneidade, a fragilidade da jovem democracia brasileira reivindica um novo olhar na teoria pragmatista de John Dewey. Isso em vista de se obter um novo fôlego no processo de garantia dos direitos adquiridos, mediante longas e sofridas lutas decorrentes do processo de conscientização educacional. Sobre a sintonia entre Dewey e Freire, registra-se que:

Ao observar as ideias de cada um conforme sua realidade é possível entender seus pensamentos. John Dewey buscava a democracia dentro da sala de aula, já Paulo Freire buscava a igualdade social em um país com tanta desigualdade. No entanto, conclui-se que as ideias de ambos autores tinham o mesmo objetivo, uma sociedade mais justa e igualitária, com cidadãos com consciência crítica (CARON; COSTA SOUZA; MENDONÇA DE SOUZA, 2016, p. 100).

Nunca é demais ressaltar que é necessária a compreensão da “[...] não linearidade do processo histórico com avanços, recuos e imprevistos, no qual a burguesia movimentava-se de maneira contraditória com as demais classes sociais” (MURARO, 2012, p. 207). Essa compreensão permite ao cidadão fazer o movimento de retrospectiva e prospectiva, a fim de ajustar o passo e o foco na continuidade dessa receptividade e difusão do pensamento de John Dewey no Brasil, dada a sua importância já experimentada historicamente. Isso se faz mediante à compreensão do papel

da educação como forte instrumento de influência nas mudanças das estruturas sociais e políticas e como contraponto de força às crueldades das classes dominadoras. Em vista disso, pode-se compreender as classes sociais como um fazer-se, e não como massas de manobra capitaneadas por “[...] uma dominação que se sustenta por modos fascistas da existência” (PAGNI, 2017, p. 68). Sabe-se que esses modos fascistas da existência e de domínio do poder sempre estão de prontidão para agir e manipular, capitaneados pelo mercado, configurando-se uma forma cruel e excludente de dominação.

Vale registrar que a dialética do processo de receptividade do pensamento de John Dewey no Brasil seguiu a dinâmica que é comum dos conflitos históricos. É sabido que as teses dos defensores da Escola Nova advindas dos seguidores do pensamento do autor eram rebatidas tanto pelos movimentos conservadores de cunho tradicionalista, quanto pelos renovadores de cunho tecnicista. Frente a isso, é importante entender que “[...] o tema da Escola Nova como ponte de recepção de Dewey no Brasil merece ainda um tratamento mais aprofundado do ponto de vista histórico, filosófico e educacional” (MURARO, 2012, p. 207). Essa advertência é importante como reforço da necessidade atual de revisitar, disseminar e acolher continuamente o pensamento de John Dewey no Brasil devido aos imensuráveis benefícios que ele traz. Sobre isso é possível observar que, conscientes do dinamismo do processo histórico, “[...] ao trazerem Dewey para o debate sobre os fins pedagógicos, sociais e políticos da escola renovada, os editores dos periódicos introduziram uma série de concepções voltadas para a equilíbrio entre os ideais de respeito à individualidade e normas de atendimento às necessidades sociais” (CUNHA, 2002, p. 259). Esse entendimento é importante para que se possa notar aquilo que se chama de equilíbrio do pensamento de John Dewey. Ao ser acolhido no Brasil, ao menos o mínimo de igualdade social é alcançado, bem como o consequente combate à exploração humana, dado que a sua filosofia aponta para um bom senso tanto em favor da dignidade humana quanto da atenção às necessidades sociais.

Como foi acenado a respeito da vastidão de escritos sobre Dewey, vale destacar ainda o texto de Pedro Pagni (2018), que faz uma leitura do livro *Democracia e educação*, após cem anos de sua publicação. Procura valer-se dos conceitos deweyanos de democracia e educação para analisar a realidade política contemporânea, especificamente a crise democrática brasileira. É um texto que, por si só, corrobora tanto a receptividade quanto a atualidade dos escritos de John Dewey no Brasil. Pagni, ao se deparar com o problema do esvaziamento da democracia no presente, recorre, pois, ao pensamento de John Dewey em interlocução com Michel Foucault

a fim de argumentar que talvez seja o caso de potencializar o entendimento de que a educação é um espaço ou instrumento de resistências. A esse respeito pondera:

A proposta é a de ler essa obra a partir de um problema da democracia posto por Michel Foucault em seus últimos cursos e da inflexão ética que evoca acerca da política na atualidade. Especificamente, objetiva-se analisar os efeitos daquele problema sobre a educação e discutir a hipótese de que esta poderia se constituir como uma forma de resistência a certo esvaziamento da democracia representativa no presente. Ao retomar a noção deweyana de democracia como uma forma ética de vida, defende-se que essa hipótese seria possível no âmbito educativo, sobretudo, se fosse recobrada do ponto de vista não de uma sociedade cada vez mais inclusiva, como requerido pelo seu original formulador, mas de uma sociedade em que a diferença seja o seu princípio e o seu fim, como sugere a perspectiva política foucaultiana (PAGNI, 2018 p. 65).

A crítica de Pagni ao que ele chama de esvaziamento da democracia representativa do presente fundamenta-se na compreensão de que a democracia fomentada no liberalismo se torna uma democracia fria no regime neoliberal. Isso se percebe por ser calculada economicamente e controlada pelas tecnologias do biopoder. O resultado é fazer com que o sistema escolar corrobore um sistema de democracia transmutada para a existência neoliberal hodierna. A confusão gerada no sistema democrático neoliberal, por exemplo, faz com que a educação seja confundida com ensino, a formação com qualificação para o mercado e assim por diante, invertendo, desse modo, o papel da educação como instrumento de resistência. O desafio nesse caso será fomentar um sistema de educação que seja capaz de resistir a todo tipo de dominação mediante à crítica e o imperativo ético do julgamento reflexivo. E nesse ponto o papel da escola se torna imprescindível, especialmente quando esta acolhe o modo de pensar protagonizado pela filosofia deweyana. A esse respeito assevera Pagni:

Por isso, parece-nos necessário retomar o sentido ético que preside o exercício do pensar reflexivo na escola e a sua contribuição para o preparo dos futuros cidadãos atuarem politicamente em consonância com seus modos de vida nos termos expressos, que conferem atualidade à obra *Democracia e Educação*, de John Dewey (PAGNI, 2018, p. 77).

Diante do exposto, entende-se que a obra de John Dewey terá sempre uma contribuição imprescindível nos currículos escolares, contra os descabros da democracia na escola e na sociedade. Frente aos retrocessos na educação brasileira, é preciso utilizar-se do texto de John Dewey para que se possa compreender e ressignificar a educação brasileira: “Ainda é preciso averiguar e aprofundar melhor essas pesquisas com o intuito de descobrir até que ponto a educação pensada por Dewey se encontra presente na educação da atualidade” (CARVALHO, 2011, p. 76). Se a

presente dúvida persiste, entende-se que é um sinal positivo de que a acolhida terá sempre o caminho aberto para uma educação fundamentada na filosofia de John Dewey no Brasil.

Considerações finais

Como se afirmou, a originalidade deste artigo diz respeito à ausência de estudos feitos que colocassem em relevo a receptividade de John Dewey no Brasil e constante difusão de suas ideias para a formação humana. Foi a revisão de literatura o procedimento adotado para confirmar este diagnóstico. Ademais a relevância social do artigo está assegurada pela relevância que tem o pensador para o contexto educacional e mais, este estudo servirá, por certo, para outras pesquisas que serão feitas sobre Dewey no Brasil, da graduação ao doutorado.

O texto de John Dewey nasceu em um contexto em que as mudanças ganhavam um célere ritmo jamais visto seja no campo das políticas, da economia, do conhecimento científico, seja no campo da moral e dos costumes. Diante desse cenário, ele se posicionava sempre em favor de uma sintonia entre a escola e o movimento acelerado da sociedade em seu entorno. “Nesse contexto, a escola era vista como espaço privilegiado para a inserção do ímpeto transformador; uma escola transformada, evidentemente, uma educação nova, como se pôde ver no Manifesto dos Pioneiros de 1932” (CUNHA, 201, p. 87). Considerando as aceleradas mudanças sociais, vale lembrar que, em que pesem as diferenças entre hoje e os anos 1930 a 1960, em que o Brasil se viu diante da necessidade de acompanhar a evolução dos países ocidentais, o movimento da realidade brasileira reivindica que se traga novamente à tona a filosofia pragmatista de John Dewey. Não é demais recordar que “[...] a concepção deweyana de movimento – entendida como sinônimo de mundo em mudança – desempenhou papel sobremaneira relevante no pensamento educacional renovador brasileiro naquelas décadas. Se hoje ainda desempenha, talvez não seja com a mesma conotação de antes” (CUNHA, 2001, p. 87).

Em face do exposto, vale destacar que o nexos entre filosofia e educação, defendido pelo pensamento pragmatista de John Dewey, teve no Brasil uma excelente acolhida e se faz mister a continuidade urgente de sua disseminação e estudos sistematizados. Acolhida essa que talvez seja consenso entre os apoiadores de críticos de Dewey. Há de se concordar que é gritante a necessidade e o desafio de utilizar a leitura direta dos textos de John Dewey em cursos de licenciaturas e das ciências humanas em geral. É necessário entender que Dewey, “[...] com forte inspiração

estoica e por influência da teoria pragmatista da ação, compreende a filosofia como forma de vida que possui a tarefa de refletir sobre a dimensão social e comunitária da práxis humana” (DALBOSCO, 2018, p. 567). Vale registrar que, para assumir essa condição reflexiva, a filosofia precisa problematizar a condição humana, concentrando-se em sua capacidade participante, uma vez que está inserida na ordem social.

Assim compreendendo o processo educativo, a consequência será a não redução do componente humano a uma máquina, fazendo com que o indivíduo seja desinstalado do isolamento social e passe exercer a sua participação nas decisões do tecido social. Desse modo, ele adquirirá as condições materiais e sociais para gozar de uma vida digna e com participação concreta na cooperação social aprendida na escola. Argumenta-se que os valores de cooperação e solidariedade serão sempre desenvolvidos a partir da acolhida e difusão do pensamento deweyano no ambiente educativo, enquanto pequena comunidade, que daí se expandirá para a edificação da grande sociedade democrática.

Não é distanciar-se muito longe da realidade brasileira para perceber que, inspirando-se no pensamento filosófico de John Dewey, “[...] investir esforços pedagógicos em experiências formativas localizadas, que fomentem o espírito de cooperação social responsável, é um grande desafio da educação atual” (DALBOSCO, 2018, p. 468). Isso se faz com maior facilidade quando família e escola se unem em vista de uma genuína e mútua contribuição para a formação democrática e uma vida boa. “[...] se realmente acreditamos que que uma filosofia educacional pode contribuir para uma vida boa, ela não pode ser imparcial ou insensível às forças destrutivas do capitalismo” (KOHAN, 2019, p. 240).

Vale lembrar que os educadores se utilizaram do pensamento de John Dewey para refletir sobre os valores democráticos. Da mesma forma, é importante ressaltar que tais valores não são dados *a priori*, mas buscados em um mundo em movimento, com intencionalidade. Vida e educação acontecem ao mesmo tempo como a literatura deweyana deixa transparecer. A esse respeito, é mister entender que a acolhida e difusão do pensamento de John Dewey no Brasil deverá sempre ser contínua, pois:

O pragmatismo deweyano não foi elaborado para descansar nas estantes das bibliotecas, para sustentar uma sociedade desumana ou para dar crédito à passividade, mas sim para implementar a compreensão e a alteração da ordem do mundo em benefício do enriquecimento contínuo da experiência humana (CUNHA, 2001, p. 98).

Por fim, sabe-se que a compreensão de experiência e educação atrelada à filosofia pragmatista de John Dewey não perde a sua atualidade; muito pelo contrário, ela continua atual, principalmente se pensada a partir da filosofia da educação, cuja fundamentação conceitual lhe é inerente.

Neste sentido, a busca conceitual elucida a construção e elaboração de teorias educacionais, algo que John Dewey fez com competência em seu tempo histórico, tanto que ele é um dos mais importantes teóricos deste campo, com boa exploração entre pesquisadores brasileiros (MENDONÇA; ADAID, 2019, p. 136).

Como resultado, diante da pergunta pela receptividade e difusão do pensamento de John Dewey no Brasil, com enfoque principal de 1930 a 1960, considerando tudo o que foi exposto, nota-se que houve uma grande recepção desse filósofo no país e difusão de suas ideias. Contudo, ainda se faz necessária uma maior valorização da relação entre teoria e prática e da experiência na educação, noções tão presentes nos escritos de John Dewey, para que a educação faça sentido na vida do cidadão e no ideal de formação integral do ser humano. “A concepção de Dewey revela a importância da filosofia enquanto instrumento na busca por uma ressignificação da educação. [...] Sendo assim, muito embora a educação tenha mudado bastante desde a época em que Dewey publicou sua obra, ainda há muito que refletir e discutir visando seu aperfeiçoamento” (MENDONÇA; ADAID, 2019, p. 149). Essa observação corrobora a importância da acolhida do pensamento do filósofo estadunidense em terras brasileiras e da sua corrente necessidade para continuar a movimentar uma ação construtiva no presente em vista de um futuro promissor. A esse respeito propomos sempre a relevância da difusão das ideias de John Dewey no Brasil, mediante a intersecção entre o desenvolvimento escolar e o movimento próprio do dinamismo social em que a formação humana se encontra situada e aplicada.

Notas

¹ Pesquisa financiada pelo Programa Nacional de Pós-doutorado/CAPES: Processo Código 88882.314799/2019-01 e Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq: 311111.

² Não se trata do objeto do artigo, mas cabe recomendar as análises de Pagni (2017, p. 69). A esse respeito ele pondera que: “Numa conjuntura particular como a brevemente descrita, reler a obra *Democracia e educação* é recobrar o juízo reflexivo perdido por, em e dessa instituição, rememorar o papel que o problema da democracia representa para a educação e para a sociedade atual, pois, por mais liberais que sejam os princípios da filosofia deweyana, concorrem para interpelar o nosso tempo e a conjuntura mencionada. Afinal, John Dewey jamais fez esta confusão entre comunidade e relação comercial que se observa no presente, tampouco entendeu a democracia apenas como uma isonomia quantitativa, que ignoraria as diferenciações éticas, como se tem observado em nosso país. Muito menos postulou que o aprendizado

democrático, como um modo de vida, não seria uma tarefa da escola, mesmo admitindo o risco de que se teria, nisso, um conflito geracional que poderia ultrapassar os seus próprios como instituição – risco que se tenta evitar a todo custo nas instituições atuais (a ponto de vermos emergir programas reacionários como o ESP). Dessa forma, a leitura dessa obra de John Dewey pode nos auxiliar a compreender a potencialidade de suas concepções de democracia e de educação para a formação ética, num contexto em que esta última somente pode ser vista como uma forma de resistência aos descabros contra a democracia e a escola”.

- ³ “As poucas escolas em funcionamento estavam concentradas em Salvador, localizadas em antigas residências, muitas em ruínas. Era generalizado o costume do professor custear, com seus próprios vencimentos, o aluguel da sala ou do prédio em que instalava a escola ou a cadeira. O governo não oferecia mobiliário escolar, nem o professor o adquiria. Cabia ao aluno fornecer cadeiras e mesas. A pobreza permitia, no máximo, o improvisado em barricas, caixões, pequenos bancos de tábua, tripeças estreitas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidas a junco. Como Anísio chegou a presenciar, o comum era os alunos escreverem no chão, estirados de bruços sobre papéis de jornal, ou então, fazerem seus exercícios de joelhos, ao redor de bancos ou à volta das cadeiras” (NUNES, 2000, p. 90).
- ⁴ “Fernando de Azevedo se incumbiu da redação desse manifesto público que procurou conciliar, provisoriamente, posições teóricas e políticas divergentes, produzindo um texto coeso assinado por cerca de vinte e seis intelectuais brasileiros. Anísio Teixeira teve um papel decisivo na elaboração das ideias e da filosofia desse documento, assim como aqueles que o assessorava na Direção Geral da Instrução Pública do Distrito Federal” (PAGNI, 2008, p. 27).
- ⁵ Mendonça (2019) demonstrou, em artigo publicado na Revista *Philosophy of Education*, que a crítica de Dermeval Saviani a John Dewey em seu livro *Escola e Democracia* carece de rigor, dado que não há, nas referências do pensador brasileiro, qualquer texto de John Dewey que autorizasse qualquer menção, sobretudo crítica.

Referências

- ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. GT 17 Filosofia da Educação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sobre-anped>. Acesso em: 20 set. 2019.
- BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva; CUNHA, Marcus Vinícius. Anísio Teixeira: Pioneiro do Pragmatismo no Brasil. CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO. V CINFE. Caxias do Sul, RS. Maio de 2010. Disponível em: https://deweypragmatismo.files.wordpress.com/2014/04/anisio-teixeira_pioneiro-do-pragmatismo-no-brasil.pdf. Acesso em: 2 dez. 2018.
- BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva; CUNHA, Marcus Vinícius. *História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos*. 2009. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CARON, Déborah; COSTA SOUZA, Fabiana Veríssimo da; MENDONÇA DE SOUZA, Cristiane Rodrigues. John Dewey e Paulo Freire: uma análise sobre a educação e a democracia. *Cadernos da Fucamp*. Monte Carmelo/MG, v. 15, n. 22, p. 100-107, 2016.
- CARVALHO, Viviane Batista. As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro. *Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo* Ano 3, n. 1, 2011.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey, a outra face da escola nova no Brasil. In: GHIRALDELLI JR, Paulo. (org.) *O que é filosofia da Educação?* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GHIRALDELLI JR, Paulo. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. In: *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago 2001 No 17.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Formação para a vida democrática em John Dewey: alternativa contra a violência humana e política. *Roteiro*, Joaçaba, v. 43, n. 2, p. 449-470, maio/ago. 2018.

DEWEY, John. Reconstrução em Filosofia. Nova trad. de Antônio Pinto de Carvalho. *Revista por Anísio Teixeira*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John. *Como pensamos como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. Tradução: Haydée Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979a. *Atualidades pedagógicas*, v. 2.

DEWEY, John. *Democracia e educação*. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979b. *Atualidades pedagógicas*, v. 21.

DEWEY, John. *Essays in experimental logic*. New York: Dover publications, 1953.

DEWEY, John. *Experience and nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

DEWEY, John. *Experience and Education*. New York: Touchstone, 1997.

DEWEY, John. *Liberalismo, liberdade e cultura*. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1970.

DEWEY, John. *The public and its problems*. 12. ed. Ohio: Ohio University Press, 1991.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. Tradução: Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional.

JDS. *John Dewey Society*. Disponível em <https://www.johndeweyociety.org>. Acesso em: 18 set. 2019.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira. In: *Filosofia e Educação* [rfe], v. 7, n. 2, Campinas, SP. p. 19-46. Jun./Set. 2015.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: vestígio, 2019.

MENDONÇA, Samuel; ADAID, Felipe Alves Pereira. Experiência e educação no pensamento educacional de John Dewey: teoria e prática e análise. *Prometeus*. Ano 11 – n. 25, jan./maio, 2018.

MENDONÇA, Samuel; GOTIERRA, Andressa. A filosofia em cursos de Pedagogia no Brasil. *Revista Educare*. João Pessoa, PB, v. 3, n. 2, p. 1-27. Julho a dezembro de 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare/article/view/46544>, acesso em 18 de setembro de 2019.

MENDONÇA, Samuel. Dermeval Saviani's non-critical philosophy as critical of progressive school in John Dewey. *Philosophy of Education*, n. 2, 2019. Disponível em https://sibran.ru/en/journals/issue.php?ID=176860&ARTICLE_ID=176868. Acesso em: 18 set. 2019.

MURARO, Darcísio Natal. Democracia e Educação: aproximações entre as ideias de John Dewey e Paulo Freire. *COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia*. v. 9, n. 2, p. 205-226, julho-dezembro, 2012.

- NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Epu, 1974.
- NOBRE, José Aguiar; MENDONÇA, Samuel. *Desafios para a educação democrática e pública de qualidade no Brasil*. Curitiba: Appris, 2016.
- NUNES, Clarice. *A poesia da ação*. Bragança Paulista, SP. EDUSF, 2000.
- NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: *Teoria & Educação*, 6, 1972. p. 151-182.
- PAGNI, Pedro Angelo. *Anísio Teixeira: experiência reflexiva e projeto democrático*. A atualidade de uma filosofia da educação. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PAGNI, Pedro Angelo. Ética, democracia e educação em John Dewey: uma releitura de *Democracia e Educação* à sombra da ontologia do presente. In: *Espaço Pedagógico*, v. 25, n. 1. Passo Fundo, p. 65-81, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8032/4729>. Acesso em: 14 set. 2019.
- PES. *Philosophy of Education Society*. Disponível em: <https://www.philosophyofeducation.org>. Acesso em: 18 set. 2019.
- SAVIANI, D. As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. *CADERNOS DE PESQUISA* (Fundação Carlos Chagas), v. 12, p. 8-18, 1982.
- SAVIANI, D. Escola e Democracia: para além da teoria da curvatura da vara. ANDE - *Revista da Associação Nacional de Educação*, v. 2, p. 56-64, 1982a.
- SAVIANI, D. Escola e Democracia ou a teoria da curvatura da vara. ANDE - *Revista da Associação Nacional de Educação*, v. 1, p. 23-33, 1981.
- SAVIANI, D. Extensão universitária: uma abordagem não extensionista. *Educação e Sociedade*, v. 4, p. 61-73, 1981a.
- SAVIANI, D. Uma estratégia para a defesa da escola pública: retirar a educação da tutela do Estado. *Revista Brasileira de Ensino de Física* (On-line), v. 2, p. 77-88, 1980.
- SciELO. *Scientific Electronic Library Online*. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- SCOPUS. *Elsevier*. Disponível em: <https://www.scopus.com/home.uri>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- SOFIE. *Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação*. Disponível em: <https://sofiefilosofia.org/home>. Acesso em: 20 set. 2019.
- SUCUPIRA, Newton. John Dewey: uma filosofia da experiência. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 80, p. 78-95, out./dez. 1960.
- TEIXEIRA, Anísio. Bases da teoria lógica de Dewey. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 57, jan./mar., 1955, p. 3-27.
- TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos da Educação*: anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- UNIVERSIDADE PASSO FUNDO. *Revista Espaço Pedagógico*. John Dewey: 100 anos de Democracia e Educação. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep>. Acesso em: 20 set. 2019.